

Menezes e Silva, Christiani Margareth de  
O papel das emoções na *Retórica* de Aristóteles

AISTHE

## O PAPEL DAS EMOÇÕES NA *RETÓRICA* DE ARISTÓTELES

Christiani Margareth de Menezes e Silva  
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em  
Filosofia da PUC do Rio de Janeiro

**Resumo:** Na *Retórica*, Aristóteles não apenas faz uma análise da forma discursiva de argumentação do orador, mas também um estudo do papel das emoções suscitadas nos ouvintes dos discursos ocorridos nas assembleias e nos tribunais. Assim, no Livro II da *Retórica*, as emoções são consideradas uma das três *pisteis entéchnai*, uma das premissas do entimema; elas constituem enunciados da argumentação retórica na mesma medida que o assunto (*prágma*) do discurso, ao qual se referem os gêneros oratórios. Em Aristóteles, a emotividade não é apenas um elemento auxiliar e secundário da persuasão, como achava a tradição anterior a ele; elas são elementos importantes por afetar o julgamento dos ouvintes. Dessa forma, Aristóteles amplia o campo da retórica em relação à tradição, considerando a emotividade uma das premissas do raciocínio retórico, caracterizando o *logos* da persuasão e contribuindo também para suas pesquisas em psicologia, poética, ética e política.

**Palavras-chave:** retórica, orador, entimema, emoções, persuasão.

**Abstract:** In the *Rhetoric*, Aristotle not only analyses the discursive form of argument of the speaker, but also a study of the role of the emotions in the listeners, which are raised by the discourse that took place in the assembly and in courts. Thus, in Book II of the *Rhetoric*, emotions are considered one of the three *pisteis entéchnai*, one of the premises of the enthymeme; they are statements of rhetorical arguments to the same extent that the matter of the speech (*prágma*), to which the oratorical genres refer. In Aristotle, emotions are not just an ancillary and subordinate part of persuasion, as was thought by the tradition before him, but they are important elements to affect the judgment of the listeners. Thus, Aristotle expands the realm of rhetoric in relation to tradition, considering emotion one of the premises of a rhetorical reasoning, featuring the *logos* of persuasion and also contributing to his research in psychology, poetics, ethics and politics.

**Keywords:** rhetoric, speaker, enthymeme, emotions, persuasion.

A análise aristotélica das emoções (*páthe*)<sup>1</sup> em *Retórica* II acrescenta ao estudo do *entimema*,<sup>2</sup> o silogismo retórico, uma compreensão da passionalidade que demonstra uma

<sup>1</sup> Traduzimos *páthe* por “emoções” nesse contexto, mas esse vocábulo grego apresenta ainda outras acepções na obra aristotélica como “o sentido geral de atributos ou predicados” e “o sentido de formas de passividade em oposição às atividades”. Cf. Maria C. G. Reis no comentário à sua tradução do *De Anima*, p. 150 (São Paulo: Ed. 34, 2006). Cf. Aristóteles *De Anima* 403 a3 e 403 b10 e 15; e 403 a16. Ver também *Metafísica* V 21, 1022 b15-21 para uma definição mais exaustiva de *páthos*.

nova forma de encarar a emotividade envolvida na oratória. Tal modo de compreender a emoção fora antecipado no embate platônico com os sofistas, especialmente, contra a retórica de Górgias e de Isócrates.

Anteriormente ao tratamento aristotélico, era frisado apenas o caráter irracional da emoção, e esta era entendida como algo que escapava completamente à razão. Um exemplo dessa maneira de encarar a passionalidade é o tratamento desta no *Elogio de Helena* de Górgias: a emoção é aquilo que acontece a um indivíduo de modo semelhante a uma doença (*noséma*), em que as vítimas sofrem um infortúnio (*atúchema*) estando, assim, fora da esfera do elogio ou da censura.<sup>3</sup> Entendida dessa maneira, a reação emocional é um sofrimento induzido ou causado no indivíduo; os apelos emocionais agem como drogas (*phármaca*) no paciente. No caso do discurso retórico, a plateia fica como que encantada e, vencida pela “magia” (*gaeteía*) do discurso, não consegue ser responsável por seu próprio comportamento. No máximo, o público considera que passa por um infortúnio, já que perdeu o controle sobre suas ações.<sup>4</sup>

Essa característica da oratória – apelar para as emoções dos indivíduos – fez Platão criticar a retórica sofística, e mesmo não reconhecê-la como uma *téchne*. Platão também percebeu no *Filebo* haver uma forte ligação entre a emoção e a cognição, mas ele não esclareceu o tipo de relação que ambas tinham, e é isso que Aristóteles fará.<sup>5</sup> De acordo com William W. Fortenbaugh, o *Filebo* não tinha tornado precisa a relação entre cognição e emoção, mas enfatizado que havia aí uma forte conexão. Ainda de acordo com ele, a afirmação inicial da *Retórica* sobre as emoções assume certas distinções já feitas no *Filebo*.<sup>6</sup>

Segundo dados historiográficos, Aristóteles teria sido responsável por alguns cursos de retórica na Academia, e encontraríamos traços desses cursos aristotélicos em *Retórica* I e III. Conforme seu estudo nessa obra, o objetivo central do orador é persuadir o auditório

---

<sup>2</sup> O silogismo retórico, *entimema*, não tem o mesmo rigor do silogismo lógico, que pretende a irrefutabilidade através do método demonstrativo das evidências (*apodeíxeis*). O entimema é um tipo de silogismo que se pretende convincente, devido ao contexto de sua aplicabilidade, e pode ser refutável. Mesmo assim, é possível distinguir os entimemas verdadeiros dos aparentes (*phainomenoi*). Tal distinção permite certo rigor ao método oratório e, por sua vez, possibilita que a retórica seja uma *téchne*. Cf. Armando Plebe, *Breve história da retórica antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978. p. 39.

<sup>3</sup> Cf. Górgias, *Elogio de Helena* 19.

<sup>4</sup> *Id.* 10-15. Por isso Górgias diz ser o *logos* um “grande soberano”, que pode nos levar a reagir de maneira surpreendente.

<sup>5</sup> Já nos *Tópicos*, Aristóteles percebeu a cognição como algo essencial à reação emocional. Cf. *Tópicos* 127 b26ss.

<sup>6</sup> Cf. W. W. Fortenbaugh, “Aristotle’s *Rhetoric* on emotions” In BARNES, J., SCHOFIELD, M. & SORABJI, R. (edd.). *Articles on Aristotle 4. Psychology and Aesthetics*. London: Duckworth, 1979. p. 133-153. Nota 9 p. 135-136, nota 23 p. 141 e nota 29 p. 144.

quanto à validade do ponto de vista defendido, por isso ele apresenta enunciados persuasivos ou provas (*pisteis*) aos ouvintes, esperando fazer estes aderirem ao seu discurso.<sup>7</sup> Porém, o domínio da demonstração discursiva não é suficiente para a credibilidade do orador; para tanto, segundo Aristóteles, ele deve inspirar confiança nos ouvintes por meio de sua postura, além de bem observar as propensões daqueles a quem se dirige.

A persuasão é possível, portanto, por meio de argumentos, da atitude do orador diante de quem ele quer persuadir, e da capacidade que o orador deve ter para suscitar estados emocionais nos ouvintes que favoreçam seu ponto de vista.<sup>8</sup> Enquanto o *logos* produz no ouvinte uma convicção de verdade através de seu ordenamento lógico, o *éthos* do orador e o *páthos* do auditório levam à mesma convicção ao apresentar o orador como digno de crédito, e possibilitar estados emocionais favoráveis ao seu discurso.<sup>9</sup>

Mas para despertar a resposta emocional pretendida, é preciso haver compreensão de como as pessoas são afetadas pelas emoções. Para tanto, Aristóteles considera que três fatores devem ser observados pelo orador: a) a condição em que se encontra a pessoa (seu estado de espírito); b) por quem ela sente a emoção (seu objeto, *tísin*); c) e os motivos (*epì poíois*) dela. O bom orador é aquele que compreende esses fatores e assim sabe que para persuadir é necessário o conhecimento para despertar ou abrandar determinada emoção com sucesso.<sup>10</sup>

Para Aristóteles, é dessa forma que as emoções constituem enunciados da argumentação retórica na mesma medida que o assunto (*prágma*) do discurso, ao qual se referem os gêneros oratórios. Assim, o estagirita entende que a emotividade não é independente do raciocínio retórico, nem é um elemento apenas auxiliar e secundário da persuasão. O aspecto demonstrativo e a possibilidade de fazer uso de enunciados afetivos são, portanto, premissas da oratória. Tal compreensão da *téchne rethoriké* permitirá a Aristóteles

---

<sup>7</sup> Cf. *Retórica* 1355 b35-1356 a4. Aristóteles distingue as provas em duas categorias: numa estão provas não-técnicas (*atéchnoi*), que são as leis, as testemunhas, os depoimentos extraídos sob tortura, os contratos e os juramentos, ou seja, provas preexistentes ao discurso do orador; noutra estão provas técnicas (*entéchnoi*): provas pelo *logos* elaborado pelo orador, pelo *éthos* deste e pelo *páthos* do auditório.

<sup>8</sup> A credibilidade do orador é conseguida através de três elementos pertencentes ao seu caráter (*éthos*): prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eunóia*). Cf. *Retórica* II 1378 a8-10; *Política* V 7, 1309 a. Ver também nota 2, p. 160 da tradução de M. Alexandre Jr., P. F. Alberto e A. N. Pena da *Retórica* de Aristóteles (Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998).

<sup>9</sup> As provas pelo *éthos* e pelo *páthos* são o que singulariza a retórica em relação à dialética e à *epistême*. Segundo Francis Wolff, as três técnicas discursivas da verdade na Grécia clássica eram a ciência, a dialética e a retórica. F. Wolff, *apud*. Maria de Fátima Simões Francisco. Caráter, emoção e julgamento na *Retórica* de Aristóteles. *Letras Clássicas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 4, p. 91-108, 2000. p. 92.

<sup>10</sup> Cf. *Retórica* II 1378 a23-26, 1365 b21-5. Ver também W. W. Fortenbaugh, *op. cit.*, p. 139.

ampliar o campo dessa e, ao mesmo tempo, caracterizar com mais precisão o *logos* da persuasão.<sup>11</sup>

Ele considera as emoções algo que deve ser seriamente examinado e utilizado pelo orador, e percebe também que a conexão entre essas e a cognição deve ser bem esclarecida para o uso legítimo das emoções na oratória. Aristóteles aceita a opinião tradicional da maioria sobre o fato das emoções (*páthe*) afetarem o julgamento; além disso, ele ressalta como as opiniões de uma pessoa explicam e justificam sua reação emotiva. Na definição que faz das emoções, o filósofo distingue estas de outras afecções (*páthe*) como os distúrbios fisiológicos – dores de cabeça e dores de estômago, por exemplo. Isso é feito em especial quando ele cita os três fatores nos quais a emoção deve ser analisada.

Ao que tudo indica a obra de W. W. Fortenbaugh<sup>12</sup> foi pioneira em observar a importância da análise das emoções em *Retórica* II para contextos como os da ética, da política e, claro, da psicologia aristotélica. De acordo com Fortenbaugh, ao apresentar o objeto da emoção (por quem, *tísin*) e os motivos (*epì poiois*), Aristóteles associa fortemente a cognição e a emoção, porque aquilo que a pessoa pensa ou acredita ocorrer apresenta os objetos da emoção além de explicar a reação emotiva.

Além disso, ao sabermos o porquê de uma emoção, temos a indicação daquilo que foi essencial para a reação emotiva, como também temos sua causa eficiente. A cognição de um estado emotivo indica tanto a essência desse estado como a causa eficiente dele e, portanto, é parte da definição da emoção e nos explica o porquê de tal reação.<sup>13</sup> Na resposta

---

<sup>11</sup> Segundo os estudiosos da retórica aristotélica, o estagirita teria esboçado opiniões parecidas com seus antecessores, em especial os membros da Academia, no *Grilo*, diálogo de juventude perdido, do qual nos restam alguns fragmentos, onde Aristóteles defenderia uma retórica filosófica nos moldes de Platão no *Fedro* e no *Filebo*. Encontraríamos traços dessa “velha retórica”, ou “primeira retórica”, no livro I da *Retórica*. A “nova retórica”, ou “segunda retórica” de Aristóteles, encontrar-se-ia especialmente no livro II dessa obra, e o passo sobre as emoções indicaria essa novidade no entendimento da oratória. Cf. W. W. Fortenbaugh, *op. cit.*, p. 133-135; Quintín Racionero, “Introdução” à sua tradução da *Retórica*. Madrid: Gredos, 1994. p. 37-67; Armando Plebe, *op. cit.* p. 35-43. Fortenbaugh também nos dá notícia de outra obra aristotélica, citada no catálogo de Diógenes Laércio, chamada *Diátreseis*, que exporia essa primeira retórica de Aristóteles. Cf. Diógenes Laértius. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, V 22-27. Tradução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 2008. Ver nota 20, p. 140 e nota 33, p. 146 do artigo de Fortenbaugh citado aqui.

<sup>12</sup> W. W. Fortenbaugh, *Aristotle on Emotion*. 2<sup>nd</sup>. Edition. London: Gerald Duckworth, 2008. O livro foi publicado inicialmente em 1975 e em 2002 o autor incluiu na segunda edição um epílogo.

<sup>13</sup> Segundo Fortenbaugh, nos *Segundos Analíticos* e na *Metafísica*, Aristóteles entendeu que questões de essência e questões de causa são uma e a mesma coisa, e ilustrou este princípio parcialmente pela referência ao exemplo do eclipse da lua. Cf. *op. cit.*, p. 145. Aristóteles define um eclipse da lua como a privação de luz por causa da obstrução da terra, e tal obstrução é a essência da explicação do que seja esse fenômeno, como também indica a causa eficiente do eclipse, isto é, explica o seu por que. A causa eficiente de um eclipse está incluída, portanto, na definição de sua essência. Quando procuramos a causa da reação emocional temos algo similar à descrição do eclipse. Cf. *Segundos Analíticos* 90 a14-18, 93 a3-4 e 98 b21-24; *Metafísica* VIII 4, 1041 a28-29 e 1044 b15.

emotiva deve-se observar qual pensamento (*phantasia*) levou alguém a reagir de determinada maneira. Segundo Aristóteles, alguns tipos de cognição tanto são essenciais quanto são a causa eficiente da reação emotiva e, por isso, em cada emoção analisada ele aponta aqueles mesmos três fatores citados anteriormente, recordemos: a disposição da pessoa, por quem ela sente tal emoção (seu objeto) e os motivos dessa.<sup>14</sup>

Se as emoções fossem simples sensações (*aisthéseis*), não seriam passíveis de apresentar seus objetos e seus motivos, pois as sensações corporais não são assim explicadas.<sup>15</sup> Apesar de poderem apresentar algum tipo de reação no corpo, por serem sempre seguidas das sensações de dor (*lúpe*) ou de prazer (*hedoné*), as emoções se referem ao estado de espírito e, portanto, elas apresentam mais do que reações físicas, elas apresentam razões psicológicas ao apontar motivos e objetos.<sup>16</sup> Em vez de ver as emoções simplesmente como sentimentos que impelem alguém a se comportar de certa maneira, e o indivíduo não como responsável por tal comportamento, Aristóteles inclui a possibilidade de conhecermos e entendermos o estado emocional de alguém.<sup>17</sup>

Dissemos antes que toda emoção é seguida, de acordo com Aristóteles, pelas sensações de prazer e de dor. O *páthos* da alma exprime o efeito agradável ou desagradável que o mundo exterior provoca em nós; por meio dele os sentidos (*aisthétikon*) e a imaginação (*phantasia*) de algo provocam certa reação emotiva, que não é a mesma das sensações e impulsos corporais. Podemos até explicar porque temos sensações, se sentimos fome, sede, mas elas não são explicadas como a emoção, pois esta envolve uma avaliação de determinada situação, mesmo que a consideração daquele que sente a emoção esteja equivocada.

Ao falar de cada emoção, isso fica patente. Podemos exemplificar isso tomando uma emoção, das várias examinadas na *Retórica*, a cólera (*orgé*), que inclusive é a primeira a ser definida pelo filósofo. Na definição de cólera, Aristóteles nos diz que pensar ser desprezado é essencial para esta emoção, tanto que a ausência de tal pensamento não a

---

<sup>14</sup> Cf. *Retórica* 1378 a19-24. Deve-se dizer aqui que o tratamento das emoções na *Retórica* não é exaustivo; o vocabulário empregado nas definições – *esto* e não *estin* – parece levar a crer que Aristóteles descreva as emoções apenas ratificando as opiniões do senso comum de sua época. Na verdade, apesar de não ser um tratamento rigoroso e de apresentar certas omissões, isso não nos autoriza, como pensam alguns, a crer que o Livro II traga uma análise popularesca das emoções de importância filosófica nula. Cf. W. W. Fortenbaugh, *op. cit.*, p. 139 e ss. Ver nota 19. Lembremos que o rigor envolvido nas formas de racionalidade em Aristóteles ligase ao assunto tratado. Cf. Enrico Berti, *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. Especialmente, p. 186-187.

<sup>15</sup> Cf. W. W. Fortenbaugh, *op. cit.* p. 141.

<sup>16</sup> Como diz Pierre Aubenque, elas dizem respeito ao estado da alma, num corpo. Cf. P. Aubenque *apud* Solange Vernegière, *Ética e Política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Paulus, 1998. Nota 82, p. 92.

<sup>17</sup> Aristóteles, *Retórica* II 1378 a19-22.

acarreta. Um homem é movido à cólera por um desrespeito, mesmo que seja um desrespeito insignificante, como o esquecimento do nome. O menosprezo explica a razão pela qual alguém está colérico, indica o porquê dessa emoção, já que sentir-se desprezado<sup>18</sup> é para Aristóteles tanto essencial à cólera quanto a causa eficiente dela. A cólera pode ser causada pela simples aparência de ultraje, isto é, não é necessário que ele tenha realmente ocorrido, basta imaginar que ocorreu. É natural que, se o ultraje aconteceu de fato, haja referência ao ato ultrajante como a causa eficiente da emoção.<sup>19</sup> Além disso, um homem colérico pode entender que foi menosprezado em uma situação particular, mas se julgar que se enganou quanto ao insulto que pensa ter sofrido, pode modificar seu julgamento e sua cólera será abrandada.

No caso do orador precisar suscitar a cólera em seus ouvintes, ele deve demonstrar que alguém agiu de forma insultante, despertando tal emoção em quem o ouve. Já para obter o inverso, abrandar a cólera da plateia, a argumentação deve mostrar que não ocorreu ultraje, assim, o público ao qual o orador se dirige passará da cólera à calma.<sup>20</sup> Contrariamente a Górgias, Aristóteles entende que os ouvintes respondem de acordo com certa ponderação, não como vítimas de um poder estranho, já que julgam sobre as questões expostas e não deixarão de estar coléricos por causa de algum encanto, mas conforme o orador os persuade com seus argumentos e postura.

Portanto, os discursos oratórios, ao apelarem às emoções do público, não são mais entendidos como feitiços que provocam nos ouvintes juízos e comportamentos completamente fora da esfera da razão. Na ausência de um exame que deixasse claro o

---

<sup>18</sup> Fortenbaugh sugere que esta passagem da *Retórica* deva ser comparada aos *Segundos Analíticos* 94 a36-b8, sobre o ataque ateniense a Sárdis, considerada por Aristóteles como a causa eficiente das guerras com os persas. Como o ataque realmente ocorreu, é natural reconhecê-lo como causa eficiente que induziu à retaliação persa. Apesar disso, o ultraje real não é essencial à cólera. Apenas o pensamento ou a imaginação do ultraje é essencial, tanto que sempre que um homem é induzido à cólera, ele pensa ou imagina-se desrespeitado. Cf. W. W. Fortenbaugh, *art. cit.* nota 30, p. 145. Ainda: a consideração de que algo seja ultrajante é de natureza cognitiva.

<sup>19</sup> Segundo Fortenbaugh, é apenas este tipo de definição que Aristóteles oferece quando diz, “Seja (*esto*) a cólera ...”. Ele também observa não ser verdadeiro, na definição de cólera, que Aristóteles evite *esti* e empregue *esto* porque o primeiro termo signifique a essência (*ti esti*) no domínio da verdade, enquanto o outro termo introduz uma definição que é apenas suficiente e plausível no domínio da opinião. Na verdade, Aristóteles nos dá uma definição que captura a essência (*ti esti*) e a causa (*dia ti*). De acordo com Fortenbaugh, essa definição concorda com o uso de *esto* nos *Segundos Analíticos* e explica o porquê do fato. Cf. crítica de Fortenbaugh a M. Dufour; *op. cit.*, nota 31 p. 145.

<sup>20</sup> *Id.* II 1379 b33-4. Ao demonstrar que nada ultrajante ocorreu, o orador abrandando a cólera e, ao demonstrar que o réu é uma vítima inocente, excita a piedade (*éleos*). Interessante notar que a cólera envolve dor e prazer: este reside na esperança de vingar-se daquele que provocou tal emoção. O problema é que o desejo de vingança pode ser doloroso, pois, quando invocado, recorda o motivo da vingança: aquilo que causou a cólera e tal recordação provoca sofrimento.

envolvimento da cognição na reação emotiva, o apelo emocional era visto como um tipo de persuasão distinta e hostil à argumentação racional, e considerava-se a emoção uma espécie de encantamento que dominava o ouvinte, agindo sobre ele como uma droga.

Enquanto estas opiniões a respeito da reação e do apelo às emoções não foram contestadas, era natural opor os argumentos da razão aos encantamentos do apelo emocional. É nesse sentido que se deve entender, como observa Fortenbaugh, por que Platão fez Sócrates na *Apologia* rejeitar o apelo à emotividade em favor da instrução. Considerada uma aflição separada da razão, a reação emocional era naturalmente oposta ao comportamento racional.<sup>21</sup>

Aristóteles ofereceu, assim, uma perspectiva diferente sobre a emotividade ao esclarecer o envolvimento da cognição na reação emocional e evidenciar o que há de racional e irracional no *páthos*. Longe de serem completamente hostis à razão, as emoções são por ela receptíveis, e por isso um orador pode despertar ou abrandar a emoção ao apresentar argumentos convincentes a seus ouvintes. Estes, por sua vez, não são vítimas passíveis do poder do *páthos*, já que julgam o que o orador expõe, podendo ser ou não persuadidos por esse. Podemos mesmo considerar que Aristóteles exige do orador o conhecimento da alma humana para ser um bom rétor.

Enfim, Aristóteles salientou a ocorrência do julgamento na reação emocional e aliou a persuasão pela disposição dos ouvintes e pelo *éthos* do orador, à demonstração pelo *logos*. A análise que ele fez do envolvimento da cognição na emotividade esclarece que as emoções não são impulsos cegos, mas reações passíveis de certa cognição. O que essa análise das *páthe* no Livro II da *Retórica* nos legou foi a possibilidade de inteligibilidade das emoções humanas, além disso, tal análise será importante em diversos contextos do pensamento de Aristóteles.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Cf. Platão, *Apologia de Sócrates* 35 b9-c2. Cf. W. W. Fortenbaugh, *op. cit.*, p. 147 e 149, respectivamente. Segundo Plebe, apesar de considerar as emoções de maneira distinta, a análise aristotélica dessas retoma a psicagogia das primeiras escolas de retórica, de sofística e dos pitagóricos, que consideravam as emoções tão importantes para o orador como a demonstração discursiva. Portanto, a função psicagógica da sedução da alma (*psychagogein*) continua a ter relevância para a demonstração (*deloun*) retórica. Cf. Armando Plebe, *op. cit.*, p.43.

<sup>22</sup> Como especifica Fortenbaugh, foi primeiro necessário distinguir a reação emocional dos impulsos corporais, para destacar as *páthe* que envolvem necessariamente cognição, podendo então considerar a racionalidade e a irracionalidade presentes nelas. Analisando a reação emocional, Aristóteles destacou as *páthe* tratáveis pela razão (*Ética a Nicômaco* 1102 b30-1103 a1) e que estão no contexto da virtude ética (*Ética a Nicômaco* 1105 b19-1106 a13). Ele desenvolveu, assim, uma psicologia necessária às suas posteriores investigações, principalmente nos campos da ética e da política. Cf. W. W. Fortenbaugh, *op. cit.*, p. 153. Para um estudo mais amplo dessas questões, ver a obra de Fortenbaugh acima citada.

## Referências Bibliográficas

### ARISTÓTELES

- Aristotle in Twenty-three Volumes*. Cambridge-Mass./London: Harvard University Press. (The Loeb Classical Library)
- Ouvres Complètes*. Paris: Belles Lettres. (Collection des Universités de France)
- The Works of Aristotle*. Edited by Robert Maynard Hutchins. Chicago/London/Toronto: Encyclopaedia Britannica, 1952. Vol. 1 (8) e Vol. 2 (9) (Reprinted from *The Works of Aristotle*, translated into English under the editorship of W. D. Ross, by arrangement with Oxford University Press).
- De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- Retórica*. Tradução e notas de M. Alexandre Jr., P. F. Alberto e A. N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.
- Retórica das paixões*. Livro II, Capítulos 1-11. Prefácio de Michel Meyer. Tradução bilingüe grego-português de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- Retórica*. Introdução, tradução e notas de Quintín Racionero. Madrid: Gredos, 1994.
- Metafísica*. Tradução trilingüe de Valentín García Yebra. Madrid: Gredos, 1990.
- Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002.
- Metafísica*. Prefácio de Sir David Ross. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- Tópicos. Dos Argumentos Sofísticos*. Tradução Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard-Cambridge. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores).
- Tratados de Lógica (Organon): Categorías. Tópicos. Sobre las refutaciones sofísticas*. Tradução de Miguel Candel Sanmartín. Madrid: Gredos, 1988.
- Tratados de Lógica (Organon): Sobre la interpretación. Analíticos Primeiros. Analíticos Segundos*. Tradução de Miguel Candel Sanmartín. Madrid: Gredos, 1994.
- Órganon: Categorías, Da Interpretação, Analíticos Anteriores, Analíticos Posteriores, Tópicos, Refutações Sofísticas*. Tradução, Textos adicionais e Notas de Edson Bini. Bauru, SP: EDIPRO, 2005. (Clássicos Edipro)
- The Works of Aristotle: Selected Fragments*. Translated by Sir David Ross. Oxford: Clarendon Press, 1952.

### AUTORES ANTIGOS

- DIÔGENES LAËRTIUS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 2008.



Menezes e Silva, Christiani Margareth de  
O papel das emoções na *Retórica* de Aristóteles

GÓRGIAS. *Elogio de Helena*. Tradução de Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho. In *Górgias: verdade e construção discursiva*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

PLATÃO. *Filebo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. *Fedro*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1975.

\_\_\_\_\_. *Górgias*. Tradução, introdução e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

\_\_\_\_\_. *Apologia de Sócrates*. Tradução e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

#### COMENTADORES

BERTI, Enrico. *As razões de Aristóteles*. Tradução de Dion Davi Macedo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. (Leituras Filosóficas)

DÜRING, Ingemar. *Aristóteles*. Tradução de Barnabé Navarro. 2. ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1990.

FRANCISCO, Maria de Fátima Simões. Caráter, emoção e julgamento na *Retórica* de Aristóteles. *Letras Clássicas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 4, p. 91-108, 2000.

FORTENBAUGH, William W. "Aristotle's *Rhetoric* on emotions" In BARNES, Jonathan, SCHOFIELD, Malcolm & SORABJI, Richard (edd.). *Articles on Aristotle: 4. Psychology and Aesthetics*. London: Duckworth, 1979. p. 133-153.

KONSTAN, David. A raiva e as emoções em Aristóteles: as estratégias do *status*. Tradução de Maria Cecília de M. N. Coelho. *Letras Clássicas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 4, p. 77-90, 2000.

PERNOT, Laurent. Aristóteles e seus predecessores. Para uma arqueologia do discurso deliberativo. Tradução de Marcelo Vieira Fernandes. *Letras Clássicas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 4, p. 63-76, 2000.

PLEBE, Armando. *Breve história da retórica antiga*. Tradução e notas de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: EPU, 1978.

RICOEUR, Paul. "Entre retórica e poética: Aristóteles". In *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000. (Leituras Filosóficas)

ROSS, David. *Aristóteles*. Tradução de Luís Filipe S. S. Teixeira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

VERGNIÈRES, Solange. *Ética e Política em Aristóteles: physis, ethos, nomos*. Tradução de Constança Marcondes César. São Paulo: Paulus, 1998. (Ensaaios Filosóficos)